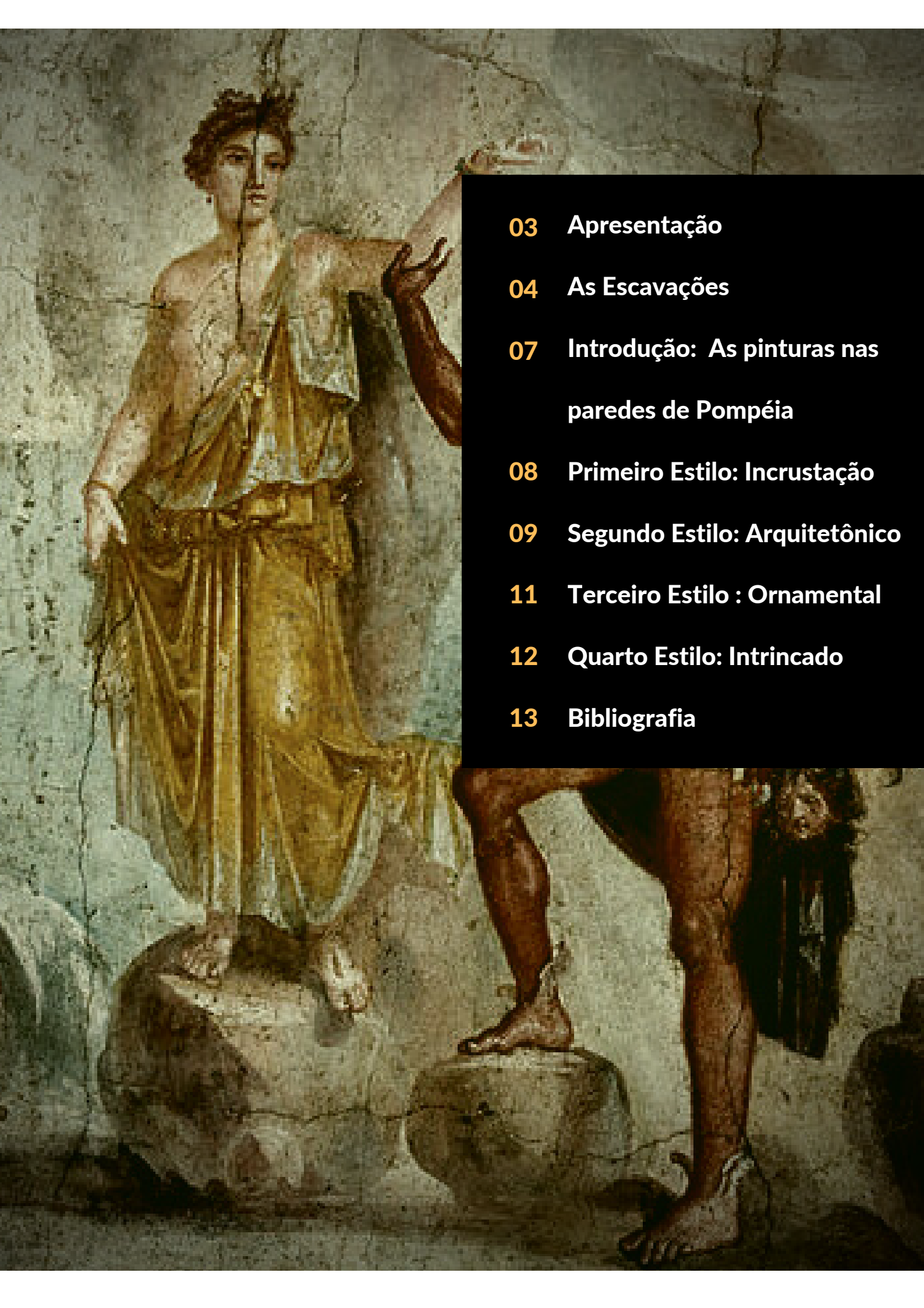


POMPEIA

ARTE PARIETAL ROMANA
E SUA DIVISÃO EM QUATRO ESTILOS

IZABELLA RODRIGUES MUCCIACCIO e HELOISA HELENA VILAS BOAS





03 Apresentação

04 As Escavações

07 Introdução: As pinturas nas
paredes de Pompéia

08 Primeiro Estilo: Incrustação

09 Segundo Estilo: Arquitetônico

11 Terceiro Estilo : Ornamental

12 Quarto Estilo: Intrincado

13 Bibliografia

APRESENTAÇÃO



O seguinte catálogo foi feito como trabalho final para a disciplina de Tópicos Especiais da História da Arte Antiga e Medieval, lecionada pela Profa. Dra. Renata Senna Garraffoni, no curso de História - Memória e Imagem, da UFPR.

Tomamos como objetivo apresentar, de forma simples e ilustrativa, o historiador e arqueólogo, August Mau, e sua divisão das pinturas parietais romanas em quatro estilos. A escolha do tema se deu pelo interesse no assunto, e poucos trabalhos em português, acessível a estudantes brasileiros.

Primeiro, daremos uma contextualização do processo de escavação dos sítios, logo em seguida passamos para a apresentação do historiador alemão, e por fim, na presença de imagens, explicaremos os quatro estilos de pinturas catalogadas por ele, a fim de maior entendimento na diferenciação delas.

Tentamos ao máximo criar um material que possa ajudar a quem queira saber sobre as pinturas parietais romanas, então sintam-se livres para usufruir deste catálogo! Lembrando que toda a bibliografia utilizada está ao final, caso tenham interesse em se aprofundar no assunto.

AS ESCAVAÇÕES

A descoberta da antiga cidade de Pompéia, soterrada pelas lavas do Vesúvio, representou um ponto crucial para novos dados sobre Roma. Dessa forma, a possibilidade de novas análises mediante Pompéia marcou uma outra fase nas pesquisas sobre o Principado romano. Reconhecemos que a região além de sofrer por conta do desastre, também sofreu pelas interferências humanas, desde o seu achado. Ao longo de todo esse período de exploração, as interpretações a respeito de Pompeia foram se transformando, de acordo com os interesses e questionamentos dos financiadores.

As escavações em Pompéia, podem ser separadas em três momentos específicos, respectivamente, o domínio francês na região, a Unificação Italiana e, o período do Regime Fascista na Itália, que produziu dois terços de escavação no sítio, o que representa praticamente a configuração que temos até os dias de hoje.

As escavações em Pompeia tiveram como início o ano de 1748 e esse processo não ocorreu por um impulso científico e sim por questões políticas. Em 1750 houve uma pausa nas escavações por não estarem achando itens de muita importância e só voltaram em 1755. Com sua volta, as descobertas atraíram muitos curiosos de toda Europa e agora Pompéia fazia parte oficialmente do roteiro da *Grand Tour**.

*Grand Tour era uma tradicional viagem pela Europa, feita principalmente por jovens de classe-média alta. Trata-se da origem histórica do turismo contemporâneo. Ver as ruínas pessoalmente produz sensações para quem olha.



Mapa de Pompeia de Mauri (1954)

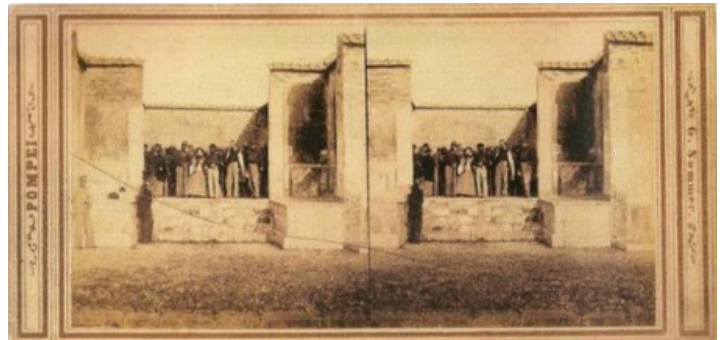
UM POUCO SOBRE CADA PERÍODO DAS ESCAVAÇÕES EM POMPÉIA

Durante a **ocupação francesa**, que ocorreu entre 1799 e 1815, pessoas ilustres iam presenciar as escavações e devido a essas visitas era habitual que ocorressem as falsas descobertas, onde os funcionários após encontrarem algum artigo importante tornavam a cobrir com terra, para que fosse desenterrado em momento mais oportuno e esses visitantes ilustres, muitas vezes, poderiam até levar o que foi escavado como lembrança. Após a dominação francesa, deu-se a restauração borbônica, onde houve pouco avanço nas pesquisas do sítio, se diferenciando pouco daquilo que havia sido feito pelos franceses. Durante esse período os objetos das escavações e as pinturas, continuavam a ser levados para o agora Real Museo Borbónico.

Na **Unificação Italiana**, Pompéia foi considerada por meio de um decreto, propriedade nacional da Itália. Nisso Garibaldi e Fiorelli*, estavam profundamente influenciados pelas ideias liberais, acreditavam que os achados arqueológicos eram mais que um simples elemento de entretenimento dos visitantes. Os liberais pretendiam usar a arqueologia como uma ferramenta para ilustrar a unificação da Itália como um processo natural. Nesse período foi permitido o acesso a todos para visitar a escavação, o que antes era apenas um privilégio dos nobres e pessoas importantes. Nesse processo de unificação, Roma foi eleita sua capital e nesse contexto político, que disciplinas como História e a Arqueologia foram fundamentais nas elaborações da identidade italiana.

***Garibaldi liderou a reunificação da Itália, depois de fragmentada durante séculos..**

***Fiorelli foi transferido para Pompeia e tornou-se supervisor das escavações em 1847**



Garibaldi em Pompeia (22 de outubro de 1860)



UM POUCO SOBRE CADA PERÍODO DAS ESCAVAÇÕES EM POMPÉIA



Mussolini guiado por Maiuri no Sítio de Pompeia (1927)

Durante o **Regime Fascista da Itália**, A superintendência do sítio passou para o arqueólogo Amedeo Maiuri. A princípio, Maiuri só finalizaria as escavações iniciadas por seu antecessor, mas o contexto político da época permitiu que executasse planos muito mais ambiciosos, dando um impulso às escavações.

O fascismo não se limitou a restaurar e a liberar os monumentos antigos e criou uma arquitetura moderna de inspiração romana, que traziam quase sempre aclamações e declamações tiradas dos discursos e dos escritos do ditador Benito Mussolini.

Mussolini e seu partido fascista tiveram uma atitude similar aos políticos da época de Fiorelli e observavam os restos arqueológicos da Itália, no caso Pompeia e Herculano, como uma amostra de sua grandeza passada e de sua glória futura.

Foi Maiuri quem sugeriu a Mussolini que Herculano fosse reaberta para escavação e, como resultado, entre 1927 e 1942, o governo fascista investiu massivamente neste sítio.

Maiuri queria apresentar uma visão real da vida em uma cidade romana no período imperial e, assim, fomentar uma imagem do passado inteiramente de acordo com a ideologia fascista.

Não satisfeitos apenas com os projetos de escavações arqueológicas e reconstruções das antigas cidades, a Itália fascista se empenhou em apagar alguns aspectos indesejados de seu passado. Dessa maneira, foram destruídos alguns monumentos medievais e renascentistas, visto que foram tomados como “símbolos de uma decadência da qual o regime não se via como herdeiro”.

Essa clara intervenção política definiu estéticas, valores e memórias, modificou cidades e selecionou os modos de vida a serem preservados ou exaltados e os que deveriam cair no esquecimento. Por exemplo, foram várias as memórias sociais descartadas e esquecidas, destacando principalmente as práticas sexuais.



Mapa da Itália e a localização de Pompeia

INTRODUÇÃO:

AS PINTURAS NAS PAREDES DE POMPEIA

Não sabemos muito sobre os estágios anteriores das pinturas de parede greco-romanas, tudo o que temos, aparentemente, se deu início no período que se seguiu a morte de Alexandre, O Grande, e teve um crescimento no contato entre Grécia e Oriente. Mas independente de sua origem, notamos um ininterrupto desenvolvimento desde as primeiras espécimes de Pompeia - século II a.C - até o fim - na última parte do século I d.C - com a destruição da cidade.

Para maior visualidade do desenvolvimento, vamos definir uma linha cronológica dos períodos da história arquitetônica de Pompeia: 1. Templo Dórico no Forum Triangulare, século VI a.C; 2. Átrios de Calcário, o início é incerto, mas o final é datado com a Segunda Guerra Púnica, em 200 a.C; 3. Tufa, 200 a.C até 90 a.C; 4. Começo da colônia Romana, 80 a.C até perto do fim da república; 5. Últimas décadas da República até o terremoto de 63 a.C; 6. Os dezesseis anos entre o terremoto de 63 a.C e a destruição da cidade.

Construção dos períodos feita, agora nos resta ilustrá-los com exemplos e traçar suas conexões. Lembrando que nosso interesse são apenas os desenhos decorativos ou a estrutura ornamental das paredes, não estaremos analisando as pinturas que formam o centro.

“Vista como um todo, a decoração da parede tem um interesse peculiar para nós; ela não apenas ilustra ricamente a aplicação da pintura pelos antigos para usos decorativos, mas também fornece um exemplo notável da evolução de projetos decorativos de motivos arquitetônicos simples para padrões intrincados, nos quais o esquema de cores é dificilmente menos complicado do que o do formas ornamentais.”

(MAU, 1899).

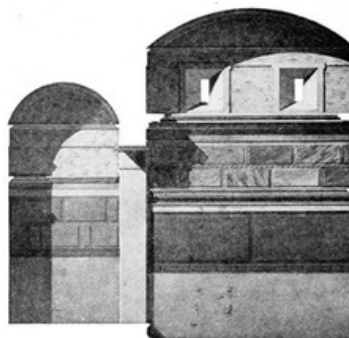
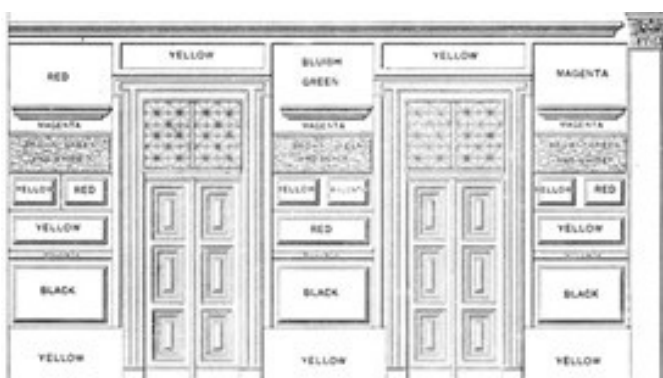
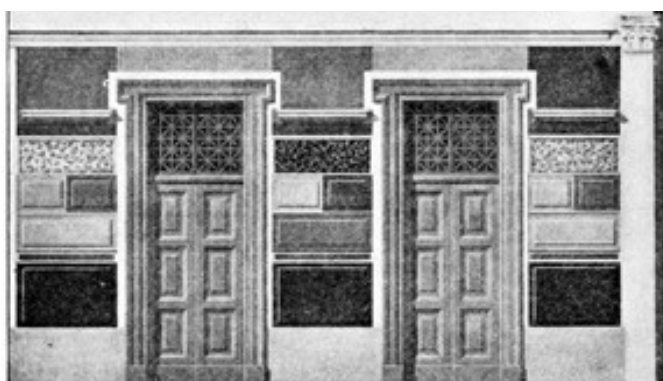


PRIMEIRO ESTILO: INCRUSTAÇÃO

No primeiro período as únicas coisas que podemos observar é a construção do templo em meados do século VI a.C e o uso dos materiais calcário sarno e tufa cinzenta. Enquanto que nas casas mais antigas do período dos Átrios de Calcário, também não possuem vestígios de decoração nas paredes para além do applique de estuque branco.

Porém no terceiro período, Tufa, encontramos uma grande quantidade de materiais, com uma ótima conservação devido a excelente qualidade do estuque onde as cores foram aplicadas. Essas pinturas encontradas pertencem ao primeiro estilo: Incrustação. (Imagem 1 e 2)

Pegamos como exemplo, para entendermos esse estilo, a parede esquerda do átrio da casa de Salústio.



(Imagem 1)



(Imagem 2)

Pontos a serem observados:

- Mesmo com a falta de cores na ilustração é possível ver a separação/ divisão nas paredes, isso porque a característica principal desse estilo é a imitação do mármore como se fossem blocos em formato de tijolos.
- As cornijas, nesse estilo, são sempre do tipo jônico, com dentículos (ou mútulos). Em muitos casos ela serve como borda superior para a decoração, deixando o espaço acima dela em branco.

O foco nesse sistema não eram as pinturas, mas a decoração com elaborados mosaicos no chão. As paredes eram folheadas (como pedras filetadas), até certa altura, com lajes de diferentes tipos de mármore, cortadas e dispostas para mostrar o trabalho da cantaria.

Um ponto curioso que podemos observar com essa diversidade de mármore é um ativo intercâmbio comercial entre os países ao redor do Mar Mediterrâneo, o que se tornou possível depois das conquistas de Alexandre. Um estilo tão característico, que requer materiais caros, só pode ter sido desenvolvido em um período de cultura e riqueza.

Ainda, o uso da mesma cornija sempre, a pobreza de formas e esforço, notados na simplicidade da arquitetura, não é resultado de uma escassez de materiais, mas sim de um gosto predominante da sociedade.

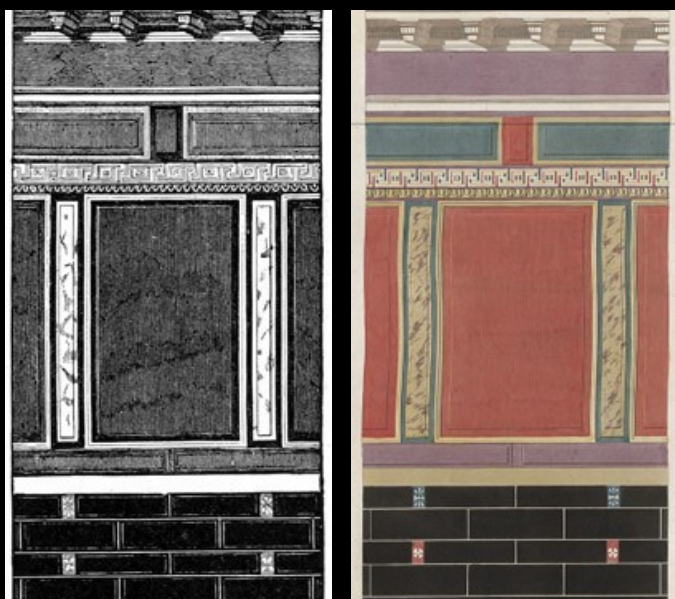
SEGUNDO ESTILO: ARQUITETÔNICO

O exemplo mais antigo que temos desse estilo arquitetônico, está nas paredes do Pequeno Teatro (The Odeon ou Theatrum tectum), construído logo após 80 a.C. Esse estilo permaneceu até meados do reinado de Augusto. (Imagem 1)

Apresenta um desenvolvimento interessante de formas mais simples, presentes no primeiro estilo, para formas mais ricas e complexas. Mas apesar disso, as paredes dos dois períodos são muito semelhantes, com uma exceção: a imitação do mármore não é mais produzida com o auxílio do relevo, a cor agora é sozinha empregada sobre uma superfície plana. Vamos usar de exemplo a parede na cela do Templo de Júpiter.



(Imagem 1)



(01)

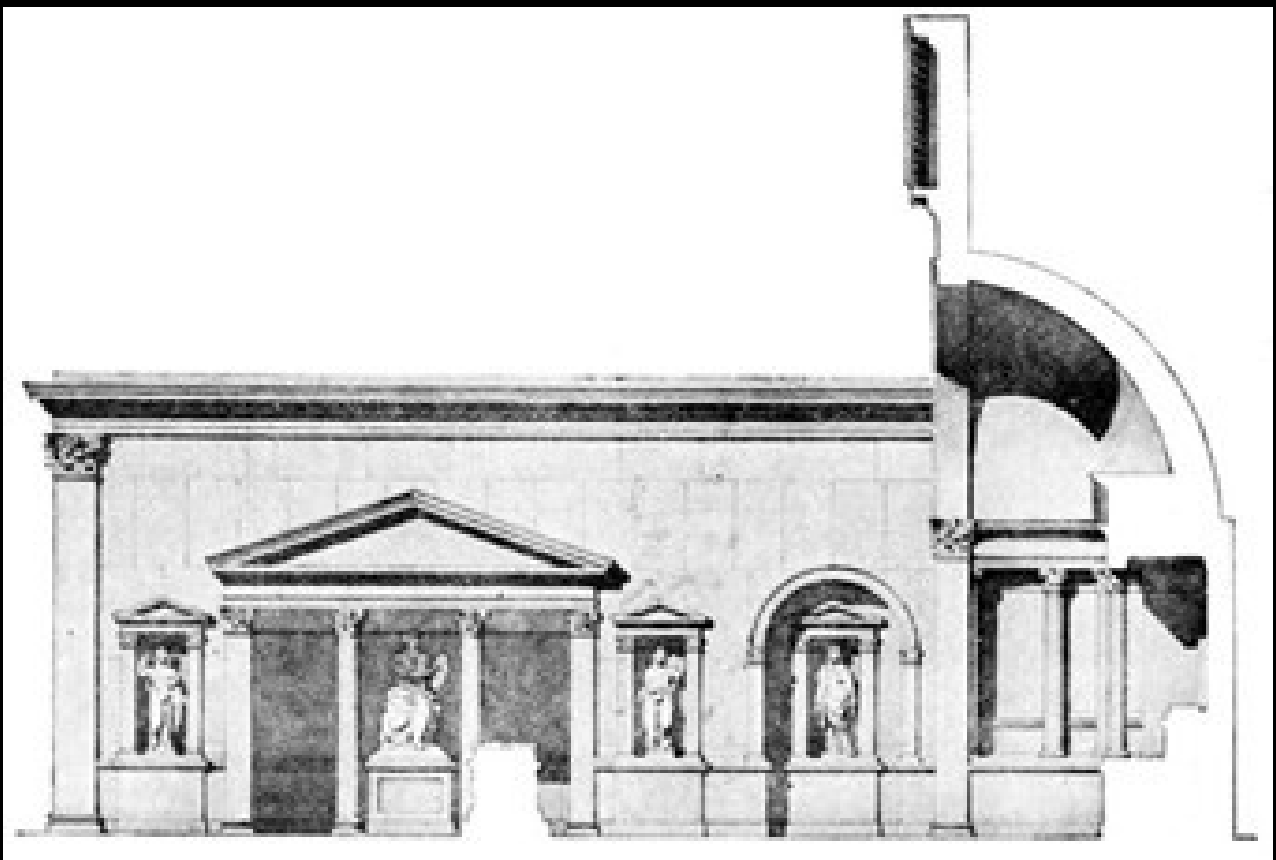
A divisão da parede em três partes ainda é mantida, mas a cornija pintada não é mais restrita ao tipo dentil, ela assume diferentes formas. Além disso, a base também é tratada com mais liberdade. É pintado em forte projeção, como se o resto da parede acima estivesse longe aos olhos, enquanto as colunas chegam ao teto na frente da parte principal da parede.

A princípio, os desenhos desse estilo compreendiam apenas elementos simples, paredes feitas com blocos ou painéis pintados, com um dado projetado sustentando colunas que pareciam carregar uma arquitrave sobre a qual repousava o teto. Mas os projetos gradualmente se tornaram mais complexos, até ser desenvolvido um sistema arquitetônico completo. Esse sistema se difere do quarto estilo, que também é arquitetônico, pois adere principalmente formas estruturais possíveis, enquanto os do quarto são fantásticos em suas proporções e arranjos.

Assim, com esse desenvolvimento, duas tendências surgem: a primeira afetando a divisão superior da parede, e a segunda uma característica nova de estrutura para a pintura principal.

SEGUNDO ESTILO: ARQUITETÔNICO

1. A divisão da parede superior tende a ser muito mais um espaço aberto, atrás do plano de projeção onde aparece a parte principal, como se fosse um fundo. Como é possível ver na imagem do Pequeno Templo, há dois vasos de prata com frutas e folhas de videira, um de cada lado, apoiados sobre a cornija da parede, ao ar livre.
2. A moldura ornamental para a pintura é geralmente concebida como um pavilhão projetado na parede. Como também é possível ver na imagem do templo, onde duas colunas sustentam um telhado, formando uma espécie de santuário. Coloco outro exemplo a abside do santuário da cidade de Lares.



Agora, os projetos arquitetônicos são bem adaptados para a exibição de quadros, e as pinturas parietais começam a ter um lugar de destaque na decoração pompeiana.



TERCEIRO ESTILO: ORNAMENTAL

O terceiro estilo, chamado de ornamental ou enfeitado, entrou em voga durante o reinado de Augusto, e prevaleceu até cerca de 50 d.C. Assim como anteriormente, ele é um desenvolvimento do estilo passado. Uma pintura encontrada na casa de Spurius Mesor, nos mostra claramente as características desse novo estilo.

O projeto arquitetônico perde completamente a aparência de construção real, e colunas, entablamentos e outros elementos são tratados como partes subordinadas de um esquema decorativo, eles são reduzidos a faixas estreitas ou listras de cor que dividem a superfície da parede. A borda elaborada da pintura sugere um pavilhão, mas a base projetada, presente no segundo estilo, está faltando. Já na parte superior da parede, se vê repleta de fantásticas formas arquitetônicas e ornamentos, que se destacam sobre um fundo branco. No entanto, não há conexão orgânica alguma entre as três divisões da parede.

A pintura apresenta uma infinidade de detalhes e cores, a parte de cima da cornija predomina tons de verde, rosa e marrom, enquanto nos amplos painéis de cada lado da pintura são da cor vermelho pompeiano.

O efeito do Estilo Ornamental, com suas formas simétricas e variedade de detalhes, é agradável, mas o uso de tons neutros dá às paredes uma aparência fria e formal, quando em contraste com as cores vivas do próximo período.

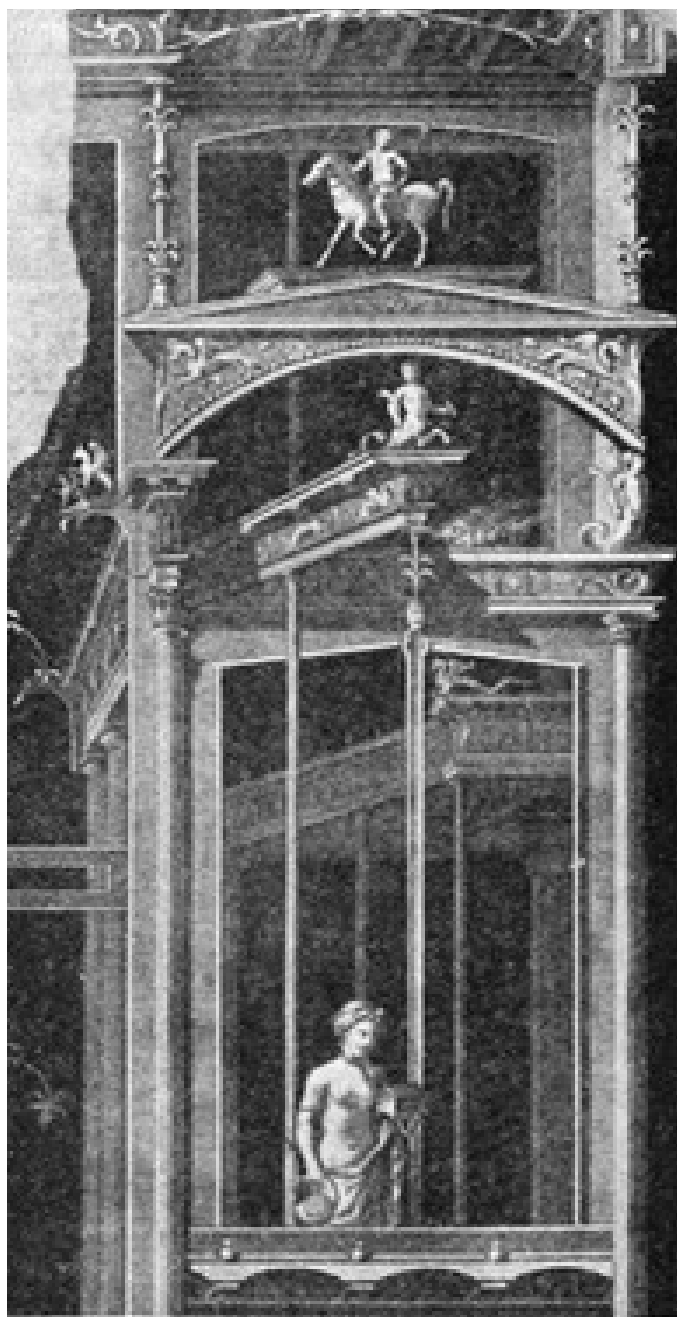


(02)

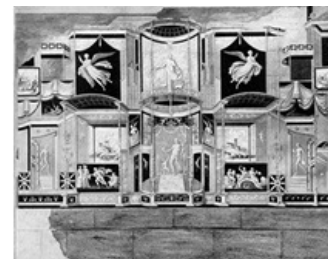
QUARTO ESTILO: INTRINCADO



O quarto, ou Estilo Intrincado, aparece pela primeira vez na metade do primeiro século d.C. Começou, assim como o terceiro, com a divisão simétrica da parede desenvolvida no segundo estilo, porém com a diferença de manter um senso de formas arquitetônicas. As colunas são, muitas vezes, caneladas, como é possível ver nessa pintura que se encontra no Museu de Nápoles. (Imagem 1)



Os entablamentos e tetos em caixotões costumam a parecer claros e arejados, dando uma impressão de realidade, apresentando formas arquitetônicas e não meras listras de cor. Entretanto, a diferença entre o segundo e quarto estilo é que, enquanto no segundo os projetos arquitetônicos não são inconsistentes com a construção real, o quarto libera a criatividade do designer, produzindo padrões tão fantásticos e intrincados que a ideia fundamental nas divisões da parede se perde.



Os desenhos da parte principal foram estendidos para a divisão superior, e frequentemente toda a parede parece um andaime intrincado. Além disso, a concepção fundamental do esquema decorativo se perde quando o fundo da parte superior e dos arejados andaimes não é mais deixado em branco, mas pintado da mesma cor que o restante da parede, de modo que o efeito de distância e perspectiva é obscurecido. Também, geralmente a estrutura arquitetônica superior não tem conexão com a da parte principal.

Os grandes painéis contêm pinturas de vários tamanhos, às vezes cópias de obras-primas, mas frequentemente simples figuras flutuantes ou um Cúpido e Psyche. A aparência de um quadro trabalhado em tapeçaria é dada por uma borda logo no interior da moldura do painel.

BIBLIOGRAFIA

Sobre o processo das escavações:

SANFELICE, Pérola de Paula. Sob as cinzas do vulcão: representações da religiosidade e da sexualidade na cultura material de Pompeia durante o Império Romano. Curitiba, PR: [s.n], 2015.

SANFELICE, Pérola de Paula. Amor e sexualidade em ruínas: As pinturas da deusa Vênus nas paredes de Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum. Curitiba, PR: [s.n], 2012.

Sobre August Mau:

OXFORD. Oxford Reference. August Mau. Disponível em:

<<https://www.oxfordreference.com/display/10.1093/oi/authority.20110810105348257;jsessionid=B8F5032CB3BC08FD33D317F26D4BA3>>. Acesso em: 13 de fev. de 2023.

Sobre a divisão dos estilos:

FUNARI, P. P. A; CAVICCHIOLI, M. R. A arte parietal romana e diversidade. Campinas, SP: [s.n], 2005.

MAU, A. Pompeii: it's life and art. Nova edição revisada. Norwood, MA, EUA. Norwood Press, 1902.

LING, R. Roman Painting. Cambridge, UK. Cambridge University Press, 1991.

RUSSELL, Marsha. House of the Vettii, Pompeii - Marsha Russell. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=-dZC2XW-hYo>>. Acesso em: 13 de fev. de 2023.

Imagens:

Pompeii in Pictures. Pompeii. Disponível em

<<https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/pompeii.htm>>. Acesso em: 13 de fev. de 2023.

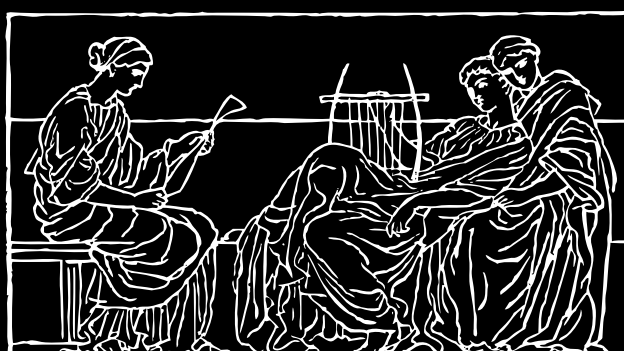
AD79eruption. AD79 Destruction and Re-discovery. Pompeii. Disponível em:

<<https://sites.google.com/site/ad79eruption/pompeii>>. Acesso em: 13 de fev. de 2023.

A maioria das imagens utilizadas são de domínio público, as exceções estão aqui referenciadas com os devidos créditos.

(1). Pompeia. Decoração pintada das paredes internas da cela, por Mazois. MAZOIS, F. Les Ruines de Pompei: Troisième Partie. Paris. Didot Frères, 1829.

(2). Pompeia. Pintura sem data de Pierre Gusman mostrando a parede sul do triclinio. Gusman P. La Décoration Murale de Pompei. Paris. Morancé, 1924.



POMPEIA



A1234567890A